

Introdução

“Pergunta... se algum povo ouviu falar a voz de Deus... ficando vivo”

Uma das passagens mais desafiadoras em toda a Escritura Sagrada está em Deuteronômio 4. Meu coração e minha alma são tocados por completo pelas palavras – na verdade, uma pergunta retórica, mas muito real, presente nos versículos 32-33: “pergunta... se algum povo ouviu falar a voz de algum deus do meio do fogo, como tu a ouviste, ficando vivo”.

Assim como os israelitas no Monte Sinai, nós somos convocados como povo de Deus – para falar de Deus, cantar sobre Deus e adorar a Deus. Ousar falar sobre o Pai não é algo irrisório. Na verdade, afirmamos ensinar o que Deus nos ensinou.

É preciso um pouco de humildade para reconhecer a audácia dessa afirmação. Ela seria sem fundamento e ilógica se Deus não a tivesse feito do meio do fogo e nos permitido ouvi-la. Com que autoridade falamos? É a autoridade das igrejas de nossas respectivas denominações? Essa autoridade não é insignificante, mas não é o suficiente. Ao ousarmos falar a respeito dessas coisas, invocamos a autoridade de Deus, pois só ele mesmo podia revelar-se, falar essas coisas e contar-nos o que deveríamos saber.

A grande crise filosófica de nossos dias é uma crise epistemológica – uma crise do saber e do conhecimento. É um desafio para o pensador, teólogo, ministro ou pregador cristão e para a instituição cristã – para o cristianismo em sua totalidade. A crise pode ser resumida numa pergunta: Como sabemos e ensinamos aquilo que afirmamos saber e ensinar?

Francis Schaeffer compreendeu bem a crise epistemológica e intitulou adequadamente sua contribuição mais significativa de *He Is There and He Is Not Silent*.* Eu li esse clássico pela primeira vez quando tinha 16 anos.

Para ser honesto, acho que a maior certeza que obtive do livro nessa idade foi que uma pessoa inteligente acreditava em Deus. No entanto, mesmo nessa idade, com falta de vocabulário para entender o que estava vivendo, compreendi a crise epistemológica. Como sabemos alguma coisa? Como poderíamos falar de algo? Além disso, como passamos de um conhecimento empírico* daquilo que podemos observar para falar de Deus a quem não podemos ver?

Um novo salto de audácia

A afirmação de se saber alguma coisa, certamente, em termos de observação empírica e científica, bem como de estudo e fenomenologia, já é bastante audaciosa. Mas, então, falar a respeito do “Deus único, invisível e imortal” – é totalmente um novo salto de audácia.

O Dr. Schaeffer compreendeu o problema epistemológico como sendo o silêncio – a afirmação e a implicação de que nós nada podemos saber. Ele compreendeu que há apenas uma resposta epistemológica: a revelação. O cristianismo depende de uma epistemologia cristã, uma teoria cristã do conhecimento com base somente na revelação. Não há desafio maior do que este: conscientizar-nos da autoridade em nome da qual falamos, conhecemos e ensinamos.

Em Deuteronômio 4, Moisés lembra a Israel a autoridade pela qual deveriam viver. Eles haviam ouvido a voz de Deus falando do meio do fogo e sobreviveram. Esse grande sermão conclui a seção introdutória a Deuteronômio e consiste, em si mesmo, numa unidade. O sermão começa e termina com uma estrutura paralela e o meio dele consiste, em grande parte, num tratado de suserania. Esse tratado (ou acordo) era uma maneira comum, no mundo do antigo Oriente Próximo, de conceder ao conquistador o direito de firmar os termos do acordo. No livro de Deuteronômio, o conquistador não é outro senão o Senhor Deus *Yahweh*, e o conquistado não é outro senão sua própria nação escolhida: Israel. Deus estabelece os termos, e eles são muito fáceis de serem compreendidos. Resumem-se numa fórmula muito simples: ouvir, obedecer e viver. Recusar-se a ouvir e desobedecer suscita a ira de Deus.

Olhando para trás, para a aliança feita em Horebe, fica claro que a obediência levava à bênção, enquanto a desobediência levava à maldição de Deus. As gerações sobreviventes, que foram mantidas vivas por quarenta anos vagando no deserto, testemunharam a morte de seus próprios pais, os quais desobedeceram e não confiaram no Senhor.

* Com base na experiência (NE).

E então, enquanto o Senhor preparava o seu povo para a conquista da Terra Santa, eles ouviram exortações e recordações ao mesmo tempo. Para que não se esquecessem, o povo foi lembrado de ter ouvido a voz de Deus falando do meio do fogo e de ter sobrevivido. O povo compartilhava a memória da grande obra de livramento de Deus ao libertar Israel da escravidão do Faraó no Egito e de manter o povo de Israel vivo por quarenta anos peregrinando pelo deserto. O povo foi guiado pela fumaça e pelo fogo, e Moisés disse: “Lembraí e vivais”.

As Dez Palavras

Deuteronomio, *deutero nomos*, quer dizer a segunda entrega da lei, pois Deuteronomio 5, mais uma vez, contém os Dez Mandamentos, *estas palavras*. O tema é muito claro. Israel, em termos de sua condição de eleito, é a nação escolhida de Deus. A Torá serve como um lembrete constante de sua posição especial. Nas Dez Palavras, a verdade central é a que o Senhor Deus falou para o seu povo, eles ouviram e sobreviveram.

Relembrando Deuteronomio 4.10-11, Moisés diz:

Não te esqueças do dia em que estiveste perante o SENHOR, teu Deus, em Horebe, quando o SENHOR me disse: Reúne este povo, e os farei ouvir as minhas palavras, a fim de que aprenda a temer-me todos os dias que na terra viver e as ensinará a seus filhos. Então, chegastes e vos pusestes ao pé do monte; e o monte ardia em fogo até ao meio dos céus, e havia trevas, e nuvens, e escuridão.

Devemos nos lembrar que a entrega dos Dez Mandamentos não pode ser dissociada do contexto narrativo do qual se origina. A verdade proposicional, tão clara na lei, se dá em meio da história de um povo e de Deus tratando com ele. *É uma revelação relacional* e também dramática. Israel é lembrado não apenas do que ouviu, mas do contexto no qual ouviu:

Então, chegastes e vos pusestes ao pé do monte; e o monte ardia em fogo até ao meio dos céus, e havia trevas, e nuvens e escuridão. Então, o SENHOR vos falou do meio do fogo; a voz das palavras ouvistes; porém, além da voz, não vistes aparência nenhuma. Então, vos anunciou ele a sua aliança, que vos prescreveu, os dez mandamentos, e os escreveu em duas tábuas de pedra (Dt 4.11-13).

“... o SENHOR vos falou do meio do fogo”, – disse Moisés – “a voz das palavras ouvistes; porém, além da voz, não vistes aparência nenhuma.”

Os ídolos silenciosos, o Deus que fala

Uma voz. Como será esclarecido no Segundo Mandamento – esse não é um Deus que é visto, mas um Deus que é ouvido. O contraste com os ídolos é muito nítido – os ídolos são vistos, porém não falam. O único, verdadeiro e vivo Deus não é visto, mas é ouvido. Esse contraste é intencional, vívido e claro – nós falamos porque ouvimos. A voz de Deus não é algo que Israel merecesse, tampouco nós. É misericórdia absoluta.

Nós não temos o direito de ouvir Deus falar. Não invocamos a sua voz. Não temos o direito de exigir que ele fale. Estamos acostumados a apontar para a cruz de Cristo e gloriarmo-nos nela – como sempre temos feito – e dizemos a respeito dela: “Aí há misericórdia”. No entanto, no Monte Horebe também houve muita misericórdia. Há misericórdia quando Deus fala. É a misericórdia de Deus permitindo-nos ouvir sua voz.

Acredito existir o perigo de os evangélicos contemporâneos considerarem a doutrina da revelação, fundamentalmente, como um problema epistemológico. Mesmo aqueles que se mantêm fiéis à doutrina da Escritura, afirmando a sua infalibilidade, inspiração verbal e verdade proposicional, ainda correm o risco de considerarem a revelação, fundamentalmente, em termos epistemológicos. A verdade é que a revelação é misericórdia, uma dádiva. Como disse, mais especificamente, o professor Eugene Merrill a respeito de Deuteronômio 4.33: nenhum outro povo, além de Israel, já ouviu Deus falar do fogo e sobreviveu para falar sobre isso. O fato é que “Não existe nenhum outro povo sequer que tenha ouvido a voz do Senhor falar do fogo e *não tenha* sobrevivido para falar sobre isso”.¹ O Senhor Deus falou única e particularmente para Israel; no entanto, conhecendo o orador e entendendo quem ele é, o milagre é que mesmo aqueles a quem foi permitido ouvir sua voz sobreviveram.

O pano de fundo, obviamente, é o paganismo daqueles dias. Os ídolos eram muitos, mas ficavam em silêncio. O silêncio dos ídolos é um tema bíblico difundido. Pense em 1Reis 18 e na batalha dos deuses. Pense em Elias enquanto esperava e observava os profetas de Aserá e de Baal. Observava enquanto os profetas de Baal pulavam ao redor do altar e dilaceravam os seus corpos, de modo que o sangue escorria pelo chão, e saltavam para chamar a atenção de Baal. Entretanto, como está escrito em 1Reis 18, não houve voz. Ninguém respondeu; ninguém prestou atenção. A idolatria é contrastada com a religião de Israel, com base na revelação. Os ídolos não falam. O Senhor Deus de Israel fala. Os ídolos são vistos, mas não ouvem. Deus é ouvido, mas não é visto.

O pano de fundo disso, claro, é a terrível ideia que deve estar em segundo plano em nosso pensamento e em primeiro plano no nosso coração. O que aconteceria se Deus não tivesse falado? O que aconteceria se nós

mesmos não tivéssemos recebido a herança por meio da dádiva de Israel? Uma parte do que significa estar enxertado na árvore, o galho da oliveira brava, é que isso também é a palavra de Deus para nós.

O que aconteceria se Deus não tivesse falado? Se Deus não tivesse falado, o seminário que eu lidero não existiria, pelo menos não da mesma forma. Se Deus não tivesse falado, nós, provavelmente, ainda teríamos uma escola da religião. Os seres humanos, na cegueira de tentar desvendar as coisas, chegariam a alguma noção da transcendência e até mesmo inventariam argumentos até mesmo para a existência de uma divindade. Refletindo por tempo suficiente a respeito da prova teológica da existência de Deus, poderíamos chegar a uma tese “do relojoeiro”, dando uma explicação básica para tudo o que vemos.

Obviamente, não temos que falar hipoteticamente a respeito disso. Tudo o que temos que fazer é ouvir a conversa cultural; desse modo, podemos ouvir o tipo de conversa que haveria se Deus, de fato, não tivesse falado. Apenas visite algumas das escolas de teologia, seminários teológicos e universidades mais liberais. Lá, você ouvirá o tipo de discurso filosófico, o ensinamento e a visão do mundo que emergiriam *em todos os lugares*, caso Deus não tivesse falado.

Tais fornecedores de suposto conhecimento nos levariam a perguntar: e se tudo isso for apenas um jogo que estamos jogando, cada um usando o jogo de palavras conveniente e acessível em termos de nosso sistema social, cultural e linguístico? Eles argumentam que, se tudo isso não passa de uma variedade de visões de mundo, então nós podemos juntar todas as partes como acharmos melhor. Se Deus não falou, então esse jogo não tem fim. Se Deus não falou, então, não há ninguém certo ou errado. Se Deus não falou, então tudo o que se tem é o fim do jogo do pós-modernismo – niilismo sem conhecimento.

Se Deus falou...

Porém, se Deus *falou*, tudo muda. Se Deus falou, então a mais sublime aspiração da humanidade deve ser ouvir o que o Criador disse; e, apesar da revelação de Deus não ser meramente proposições, ela nunca é menos que isso. A revelação é pessoal. Ouvir a voz do Senhor Deus não é apenas receber informações, mas encontrar o Deus vivo. Estamos acostumados a falar e cantar a respeito da graça e da misericórdia de Deus, bem como da nossa redenção na cruz de Cristo. No entanto, devemos falar também sobre a misericórdia de Deus na revelação.

No livro de Deuteronômio, encontramos o Deus que fala. Novamente, no versículo 33: “... se algum povo ouviu falar a voz de algum deus do meio do fogo, como tu a ouviste, ficando vivo”. Misericórdia e graça encontram-se aqui – e também, como Moisés deixa claro, a passagem afirma a res-

ponsabilidade. Isto é, em seu modo, um *protoevangelho*, uma revelação da lei, uma descontinuidade ou distinção, mas também uma continuidade de ambos: lei e evangelho. Christopher Wright, comentando a respeito do que ocorreu no Sinai, disse que o que era realmente importante não era o fato de lá ter ocorrido uma manifestação divina, mas sim, o fato de lá ter ocorrido uma revelação verbal do pensamento e da vontade de Deus. O Sinai foi uma experiência audiovisual cósmica, mas o importante foi o áudio. É ele que importa, pois Deus falou.²

Se Deus falou, permita-me sugerir diversas realidades que devem formar nossa opinião. Primeiro, *se Deus falou, nós sabemos*. Na verdade, se Deus falou, nós *temos que* saber. O que sabemos, porque Deus se revelou a nós, é o maior e mais sublime conhecimento já ouvido por qualquer ser humano. Por termos ouvido, não podemos fingir ignorância e agir como se não soubéssemos de nada. Essa é a razão pela qual Francis Schaeffer disse que não existe uma crise epistemológica real para os cristãos que compreendem a doutrina da revelação. Há somente uma crise espiritual. Tudo o que resta é se você vai obedecer.³ Também, porque temos conhecimento, há uma base firme em nossa vida e nosso ministério. Temos autoridade para nossa pregação e nosso ensinamento. Não os estamos inventando à medida que prosseguimos. Pelo fato de termos ouvido, não podemos fingir ignorância e somos responsáveis pelo que ouvimos.

Segundo, *se Deus falou, sabemos somente pela misericórdia*. Não há mérito em nosso conhecimento, pois todas as coisas que sabemos são conhecidas pela misericórdia. Carl F. H. Henry descreve essa misericórdia da revelação dizendo o seguinte a respeito dela: “Por meio da revelação intencional de Deus, ele perde sua própria privacidade a fim de que suas criaturas possam conhecê-lo”.⁴

Não temos direito algum sobre Deus e não existe nem uma maneira sequer pela qual possamos concebê-lo. Se devemos conhecê-lo, ele deve falar – e ele falou. No terceiro volume do seu magistral *God, Revelation and Authority*, Henry disse o seguinte:

Se a revelação divina, em termos de discurso, tem qualquer significado, implica, dentre outras coisas, que Deus não precisaria, então, ter-se revelado. Deus, de fato, poderia ter permanecido em silêncio e incomunicável em relação às suas criaturas; seu discurso de revelação para a humanidade não é uma... inevitabilidade da natureza final das coisas. ... O falar de Deus é um risco de determinação divina e iniciativa e não deve ser comparado ao jato matematicamente previsível do gêiser da fonte termal Old Faithful.* Em vez disso,

* *Old Faithful* é um gêiser localizado no Parque Nacional de Yellowstone, em Wyoming, nos EUA (NE).

assim como um enigmático padrão climático, seu desempenho não pode ser previsto, e, de modos cruciais, se dá de modo definitivo e não meramente esporádico. Até mesmo a fala estendida e contínua de Deus, em geral, ou uma revelação universal e, momento a momento, preceito por preceito, uma questão de envolvimento divino voluntário, uma comunicação com a humanidade que tem, de vez em quando, uma urgência extrema.⁵

Deus, de modo misericordioso, permite que seu povo o ouça. Portanto, o orgulho intelectual é o inimigo de qualquer conhecimento verdadeiro de Deus, bem como de qualquer instrução teológica real. Não há nada que possamos desvendar ou descobrir. Não existe o momento “Ah” no qual, em alguns laboratórios teológicos, um novo elemento da verdade divina é descoberto. Sabemos pela graça e pela misericórdia.

Terceiro, *se Deus falou, nós temos que falar também*. Há uma ordem aqui para pregar e ensinar. Repetidas vezes, Israel recebe a ordem para falar, e, do mesmo modo, a igreja está sob essa ordem permanente. Nós pregamos, ensinamos e falamos porque Deus falou. Porque Deus falou, não ousamos ficar calados. Há uma tarefa aqui. Há uma urgência aqui. Precisamos ser as pessoas que falam a respeito de um Deus que fala. O povo de Deus *não* deve ser marcado pelo silêncio, e sim, pelo que diz.

Por toda a base da Escritura, essa ordem de ensinamento é constante. Se pularmos dois capítulos e seguirmos para Deuteronômio 6, veremos Israel sendo lembrado da responsabilidade dos pais de ensinar seus filhos. Em Neemias 8, ficou clara a importância dessa ordem, quando Esdras e seus companheiros leram a passagem em voz alta e explicaram o seu significado para a congregação. Para a igreja, a ordem é tão clara quanto. Nós temos que falar a verdade e torná-la simples, pois se Deus falou, nós também devemos falar.

Quarto, *se Deus falou, então, tudo é a respeito de Deus, e tudo é para o nosso bem*. Veja, Deus profere palavras de julgamento na Escritura, bem como palavras de advertência. De fato, há palavras duras na Bíblia; no entanto, tudo é para o nosso bem. Deus falou a Israel, mesmo as palavras de advertência, a fim de que Israel pudesse ouvir as advertências, obedecer às palavras e não sofrer as inevitáveis consequências da desobediência. Tudo é para o nosso bem; cada palavra. Por essa razão, em Deuteronômio 4, somos advertidos a não acrescentar e nem retirar nada dessas palavras. Elas são todas para o nosso bem, como remédio para a alma e alimento para o corpo.

Quinto, *se Deus falou, é para nossa redenção*. Quando pensamos a respeito da obra de Deus para nossa salvação, focamos, obviamente, na culminação e no cumprimento da obra salvífica de Deus quando da execução da obra de Cristo na cruz. Porém, ler a Escritura é entender que Deus tem

sido um Deus redentor e salvador desde o início – ter tirado Israel do Egito foi uma redenção. Manter Israel vivo, mesmo no deserto, foi uma redenção. Falar com Israel e deixá-lo ouvir e sobreviver foi uma redenção.

Jonathan Edwards compreendeu isso muito bem. Referindo-se a essa passagem, ele diz o seguinte:

Isso foi algo totalmente novo feito por Deus no que diz respeito a essa grande obra da redenção. Deus nunca havia feito nada parecido antes. “... pergunta... se algum povo ouviu falar a voz de algum deus do meio do fogo, como tu a ouviste, ficando vivo; ou se um deus tentou tomar para si um povo do meio de outro povo... segundo tudo quanto o Senhor, vosso Deus, vos fez no Egito.” Esse é um grande avanço da obra da redenção, a qual teve início e se realizou a partir da queda do homem, um grande passo dado pela providência divina na direção da preparação para a vinda de Cristo ao mundo, na realização de sua grande e eterna redenção. Porquanto esse era o povo por quem Cristo havia de vir, e agora, podemos ver como essa muda, plantada por Deus em Abraão, floresceu.⁶

A permissão de Deus a Israel, no Horebe, para ouvir e sobreviver, consequentemente, foi parte da sua obra remissória – e a revelação é para a nossa redenção – precisamos nos lembrar disso. Com frequência, penso que mesmo os cristãos evangélicos às vezes falam a respeito da revelação como se fosse algo que testemunhasse a redenção; no entanto, ela, por si só, é parte também da obra remissória de Deus, pois sem revelação, nada saberíamos. Não teríamos pistas. Mas sabemos.

Sexto, *se Deus falou, devemos obedecer*. Essa não é uma palavra submetida à nossa consideração. O Deus vivo permite-nos ouvir a voz de Deus do fogo e sobreviver. Isso acontece porque ele tem muitas exigências para fazer a nós, como o Criador que fala com suas criaturas. Na entrega da Torá, bem como em todo o corpo da lei, estatuto e mandamento, há a exigência da obediência, e isso é repetido muitas vezes. É expresso em forma de fundamento, pois é dito a Israel: “Se obedecerdes, serás abençoado e viverás. Prosperarás na terra que hoje te dou”. Na negativa: “Se desobedecerdes, serás amaldiçoado. Sentirás a minha ira. As nações do mundo te expulsarão. Sairás diante deles para seres levados como exilados. Serás expulso da terra”.

A exigência da obediência é muito clara e central em Deuteronômio 4. Ao mesmo tempo em que o Senhor Deus, por meio de Moisés, está preparando o seu povo para entrar na Terra Prometida e, a fim de prepará-lo e deixá-lo pronto para recitar outra vez a lei, as Dez Palavras – os Dez Mandamentos – ele está dizendo-lhe: “Veja, é sobre a obediência. Eu não estou lhes dando

essa informação. Não estou permitindo que ouçam a minha voz para que sejam intelectualmente estimulados. Isso não é para que tenham vantagem epistemológica sobre os povos pagãos ao redor de vocês. Estou permitindo que ouçam a minha voz para que possam ouvir e, depois, obedecer”.

Sétimo, *se Deus falou, devemos confiar*. “Em Jesus confiar, sua lei observar, oh! que gozo, que bênção, que paz.”⁷ Conhecemos esse hino, ou pelo menos, algumas gerações anteriores o conheciam. Mas é realmente uma questão de confiança. Por causa do espírito da época e da ordem da sanidade da igreja, devemos formar uma defesa clara da Escritura, em termos de sua inspiração, autoridade e perfeição. Devemos ensinar essa verdade, relembrar a nós mesmos essa verdade e sermos responsáveis por ela. E, no fim, tudo acaba na verdade – uma hermenêutica da verdade, uma epistemologia da verdade, uma espiritualidade e teologia da verdade.

Se Deus falou, confiamos na sua Palavra porque confiamos *nele*. Infortúnio para aqueles que plantam a semente da desconfiança ou da dúvida com relação à Palavra de Deus. Não confiar na Palavra é, como foi claramente dito para Israel, não confiar no próprio Deus. A verdade é o fundamento da própria apologética cristã. Uma apologética da verdade entende que, no fim, o caráter de Deus é o que ancora, não somente nossa epistemologia, mas nossa redenção. Essa é a esperança que temos não apenas nesta vida, mas na vida do porvir. Nós ouvimos a sua voz, lemos a sua Palavra e, implícito em Deuteronômio 4, está a inscrição, a escrita da Palavra. Está muito claro que, agora, ela deve ser a palavra que, tendo sido ouvida, está escrita e é acessível a Israel por meio da leitura da Palavra, a Palavra na qual confiamos.

Oitavo, *se Deus falou, devemos testemunhar*, declarando a verdade revelada. Deuteronômio 4 tem um correlativo no capítulo 30, no fim do livro. Quando Moisés, nesse momento, está se preparando para morrer, o Senhor fala, começando no versículo 11, e diz o seguinte:

... este mandamento que, hoje, te ordeno não é demasiado difícil, nem está longe de ti... Pois esta palavra está mui perto de ti, na tua boca e no teu coração, para cumprires. Vê que proponho, hoje, a vida e o bem, a morte e o mal; se guardares o mandamento que hoje te ordeno, que ames o SENHOR, teu Deus, andes nos seus caminhos, e guardes os seus mandamentos, e os seus estatutos, e os seus juízos, então, viverás e te multiplicarás, e o SENHOR, teu Deus, te abençoará na terra, à qual passas para possuí-la. Porém, se o teu coração se desviar, e não quiseses dar ouvidos, e fores seduzido, e te inclinares a outros deuses, e os servires, então, hoje, te declaro que, certamente, perecerás; não permanecerás longo tempo na terra à qual vais, passando o Jordão, para a possuíres. Os céus e a terra tomo, hoje,

por testemunhas contra ti, que te propus a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe, pois, a vida, para que vivas, tu e a tua descendência, amando o SENHOR, teu Deus, dando ouvidos à sua voz e apegando-te a ele; pois disto depende a tua vida e a tua longevidade; para que habites na terra que o SENHOR, sob juramento, prometeu dar a teus pais, Abraão, Isaque e Jacó (Dt 30.11; 14-20).

Aqui, três pontos se destacam para nós – ame o Senhor seu Deus, obedeça à sua voz e apegue-se a ele. No entanto, veja também, no Novo Testamento, Romanos 10.8-17, em que o apóstolo Paulo utiliza exatamente essa passagem de Deuteronômio e diz:

A palavra está perto de ti, na tua boca e no teu coração; isto é, a palavra da fé que pregamos. Se, com tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo. Porque com o coração se crê para justiça e com a boca se confessa a respeito da salvação. Porquanto a Escritura diz: Todo aquele que nele crê não será confundido. Pois não há distinção entre judeu e grego, uma vez que o mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam. Porque: Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados? Como está escrito: Quão formosos são os pés dos que anunciam coisas boas!

Desse modo, a fé em Deus vem de ouvir a voz de Deus. Ouvir e, ainda assim, sobreviver. Isso explica também por que nós mesmos cremos, pois, de acordo com a fórmula e a lógica de Romanos 10, de alguma maneira ouvimos a revelação de Deus. Nenhum de nós estava no Horebe, embora tenhamos ouvido. Alguém teve que falar. Deus falou, e uma pessoa teve que nos contar. E, assim como a Palavra de Deus deixa muito claro, há uma ordem a nós para irmos e falarmos. Se Deus falou, então nós sabemos. Se Deus falou, então somos responsáveis. Se Deus falou, é por misericórdia e para o nosso bem; e se Deus falou, há uma tarefa e uma ordem que faz a diferença, obviamente, na vida de um cristão, o qual não é aquele que foi apenas salvo, mas como instrumento e dia a dia, é aquele que foi ouvido.

A diferença para a igreja se dá pelo fato de entendermos o que significa estar junto como aqueles que, pela graça e misericórdia de Deus, ouviram. Nós nos reunimos sob a autoridade da Palavra. Não estamos inventando isso enquanto prosseguimos. Nossa tarefa não é conceber o que ensinar. Nossa tarefa não é conceber onde encontrar sentido para vida, mas sim,

lembrarmo-nos, continuamente, que ouvimos a voz de Deus falando do meio do fogo e sobrevivemos e, por isso, ensinamos.

Esta é a misericórdia de Deus: ouvir e, ainda assim, sobreviver. Essa é a misericórdia pela qual vivemos todos os dias, temos experiência a cada momento, avaliamos cada verdade, afirmamos e julgamos cada ponto de vista do mundo e pregamos todos os sermões. Trabalhamos e vivemos sob essa misericórdia. Não posso evitar ligar Deuteronômio 4 com Hebreus 1. A experiência de Israel – ter ouvido o Senhor Deus falar do meio do fogo e ainda assim sobreviver – está vinculada, de modo fantástico, com o prólogo do livro de Hebreus: “Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo” (v. 1-2).

Estamos aqui porque Deus falou, não apenas do meio do fogo, mas também, por intermédio do Filho – em cujo nome nos reunimos como igreja e em cujo nome servimos. A voz no Horebe aponta para o cumprimento final da encarnação de Jesus Cristo, a Palavra de Deus encarnada. Porquanto, além do milagre de Israel ter ouvido a voz de Deus e sobrevivido, agora, temos conhecimento que a Palavra de Deus se fez carne... e foi salva.